



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Por MARIO GIL — Desenhos de CASTANÊ

Que lindo são os gatinhos,  
E como são engraçados!  
Em corridas e aos pulinhos  
Nunca, nunca estão parados.

Desafiam os maiores,  
para brincarem, também,  
E, sempre de bons humores,  
Eles vão... e dão-se bem!

E' vê-los, então, saltando  
Como loucos, de alegria!  
— Ora p'lo chão rebolando,  
Ora em doida correria.

Mas eu tenho uma gatinha,  
(Dada pela minha tia)

Que anda sempre — coitadi-  
nha!... —  
Muito triste. Nunca mia!...



E' tão mansa a minha gata,  
Que linda e meiga ela é!  
— Seus pêlos são côr da prata,  
Parecem de arminho, até.

Ela é muito sossegada;  
Só o silêncio procura;  
Não faz aos ratos caçada,  
Nem acha nisso ventura...

No seu olhar, já sem brilho,  
Vê-se a saudade, a chorar...  
Porque levaram-lhe o filho  
Para bem longe: Tomar!

Foi, de-certo, esta a razão  
Da triste vida que tem:  
— Vêde o que é o coração,  
De tôda aquela que é Mãe!

F I M

HISTORIA VERDADEIRA

# A resposta do Antoninho

POR TEREZA de CARVALHO

**O** António Manuel é um garotinho irrequieto, levadinho da breca, capaz de revolver o mundo, se para tanto lhe derem licença.

Tem sete anos; já anda na 3.<sup>a</sup> classe; aprende violino; recita menos mal os versos de Santa Rita e, como desde pequenino, tem sido acompanhado pela «miss» não tem papas na língua, quando desata a tagarelar, num inglês já muito aproveitável.

E, como estão vendo, uma espécie de menino prodígio. Mas o Antoninho — assim o tratam em família — não tem só boas qualidades, infelizmente. Anda, é certo, muito adiantado para os seus poucos anos, mas só Deus sabe o que isso tem custado aos pais, aos professores e à póbrezinha da «miss Mary». Porque o nosso Antoninho é mandrião e está sempre desatento durante a classe, resultando-lhe, dessa desatenção permanente, cada disparate de meter medo.

Querem ouvir o mais recente?  
E não julguem que invento, porque isto é verídico, como a própria verdade.



Passou-se o caso na escola.

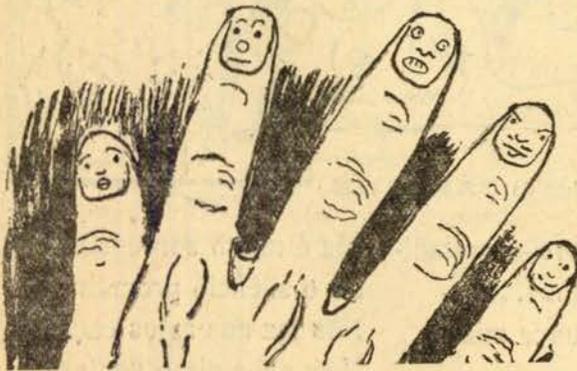
A professora é uma senhora ainda nova, simpática, um sorriso muito doce, muito suave, a brincar-lhe sempre à flor dos lábios. Raro se zanga, tem sempre uma palavra meiga para os meninos e uma paciência que vale um tesouro. Pois nem mesmo assim o Antoninho procura agradar-lhe. Brinca, ri, puxa as orelhas aos companheiros, desenha caras e caretas nas próprias unhas e a respeito de escutar, com ouvidos de gente, as explicações que lhe dão... temos conversado!

Ora, há dias, a professora, com a sua eterna paciência, explicava detalhadamente, e quem sabe se pela décima vez, as doenças contagiosas.

«Doenças contagiosas são aquelas que podem transmitir-se duma para outra pessoa, por um contacto permanente, pelo uso das mesmas peças de vestuário, das mesmas louças, etc..»

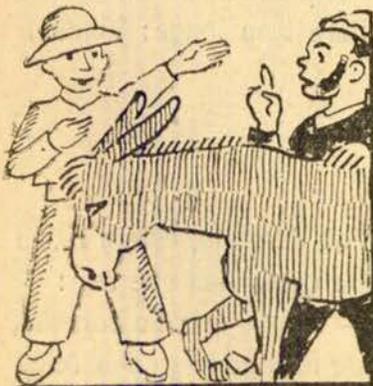
«Por exemplo, a tuberculose, é uma doença contagiosa»

(Continua na página 8)



## MAIS ANEDOTAS

POR MANUEL FERREIRA



Um saloio passava com um burro.  
Certo lisboeta perguntou-lhe:  
— «Onde vão vocês dois?»

— «Ora essa! Onde vamos? Vamos buscar palha para nós três.»

Outro lisboeta chega a uma encruzilhada. Ia a passar um saloio.

— «Olhe lá, seu saloio! Qual é a estrada que leva a Lisboa?»

— «Quem é que lhe disse que eu era saloio?»

— «Ora essa! Adivinhei eu.»

— «Pois então — (respondeu o saloio) — adivinhe também qual é a estrada que leva a Lisboa.»

— «Meu pai é um grande músico!» — disse o Luizinho.

— «E o meu, também — (respondeu o Carlinhos) — Quando ele toca, a gente larga o trabalho...»



— «Oh! E o que é que ele toca?»  
— «Toca os sinos ao meio-dia.» — (respondeu Carlinhos),

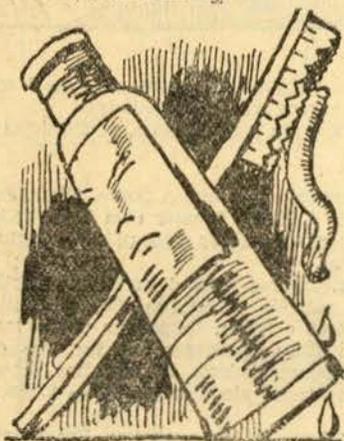
# VERDADES

POR  
FELIZ VENTURA

Certo dia, o Lavatório  
— por estar de mau humor —  
arranjou tantas intrigas  
que em rixa tudo foi pôr.

Primeiro a Escôva de Dentes  
— que não é de boa raça —  
chamou tôla, alcoviteira  
à D. Pasta Couraça.

Que, em face da afirmação,  
ficou tôda arrelhiada;



pois ela, lá num cantinho,  
vivia sempre calada.

Mas, logo, a Saboneteira  
gritou com voz viperina:

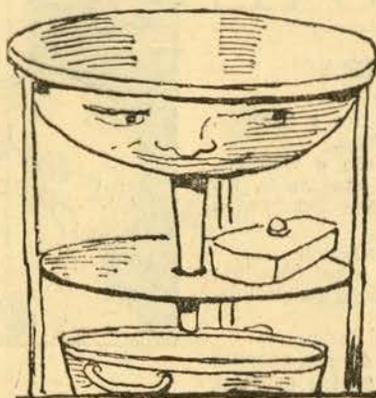


— «Oh, Maria!»

— «Tronto, minha senhora!»

— «A salada sabe a sabão. Como é  
que tu arranjaste isto?»

— «Então, a senhora não me disse  
que lavasse a salada muito bem? Lavei-a  
em duas águas e, à cautela,  
ensaboeei-a.



— «Olha a grande lambisgoia  
pensa que é pessoa fina!

Aquilo é mostrar à gente  
que aqui tem muita valia.»  
— disse, num riso escarninho,  
para o Tubo da Bacia.

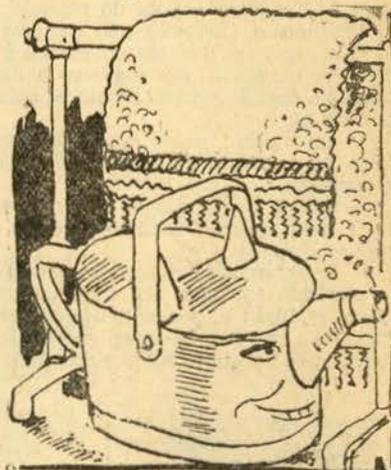
Mas o senhor Regador,  
que era pessoa sizuda,  
disse, zangado a valer:  
— «Não quero bulha, caluda.»

Logo uma Toalha Turca  
disse: — «Tem muita razão,  
nós só queremos sossêgo,  
não queremos discussão.»

— «Mas que tamanha ousadia  
— disse a Bacia indignada —  
vá lá para o seu país  
que cá não serve p'ra nada.»

E só o Balde calado  
é que mostrou senso ter,  
deixou-se estar como estava.  
A ninguém quis responder.

Às vezes, por pouca coisa,  
armamos grandes sarilhos.



Quem fôr no mundo prudente  
tem vida sem impecilhos.

F I M

Um caçador, recém-chegado de  
África, conta as suas proezas:

— «Com uma bala feri um leão na  
cabeça e numa pata.»

— «Como? — (preguntaram os ami-  
gos) — Pode lá ser?»

— «Não houve nada mais fácil.  
Quando disparei a carabina, o leão es-  
tava-se a coçar.»

Um espanhol, um francês e um por-  
tuguês do Algarve, discutiam num  
café em Paris, acerca de forças.

— «Levanto cem quilos com um  
dedo!» — começou o espanhol.

— «E eu, com um murro, deito  
abaixo uma porta!» — observou o  
francês.

— «Isso não é nada! — (respondeu  
o português) — Eu, com uma das  
mãos, ouçam bem, com uma das  
mãos, faço parar um combóio.»

— «Não pode ser!» — disseram o es-  
panhol e o francês.

— «Qual não pode ser? Faço parar  
o combóio porque sou maquinista.»



Outro fidalgo muito orgulhoso en-  
controu, certo dia, no campo, um pas-  
tor que levava agarrado, com muito  
custo, um cabrito que lhe queria  
fugir.

— «Oh, maroto — (bradou o fidal-  
go) Então, não me tiras o chapéu?»

— «Tiro, sim, meu senhor. Mas, para  
isso, venha cá Vossa Senhoria segu-  
rar-me o cabrito...»

# UMA LIÇÃO DE MORAL

Por MANUEL FERREIRA

Que impaciente era o Carlos! Menino rico e mimado, seria feliz se não fôra aquele tremendo defeito.

Fazia tudo depressa. Uma vez começado o trabalho, como o não visse imediatamente pronto, zangava-se. Na tarde em que ia ao cinema, não comia nem sossegava à espera da hora ambicionada.

— Nunca mais chega a hora! Nunca mais vou!

E choramingava, o insensato. Por vezes, o pai dizia-lhe:

— Espera! Quanto mais perto está a hora da partida, mais se aproxima a hora do regresso.

Contudo, o Carlinhos não compreendia assim.

Ora, certo dia, o pequeno começou a armar uma construção. Porém, a cola não segurava a cartolina tão depressa como ele queria. Impacientando-se, caiu num aborrecimento sem limite.

O pai acorreu, pouco depois. E, aproveitando a ocasião, farto já de aturar as impaciências do pequeno, chamou-o e disse-lhe:

— Carlos, queres que eu te conte uma história?

O petiz gostava muito de contos. Apressou-se logo a prestar atenção.

— Era uma vez um homem, chamado Bernardo Palissy.

«Nascido em 1510, era filho de um pobre vidreiro de Chapelle Biron e, por isso, não recebera instrução. A sua infância nada teve de interesse, e, aos 28 anos, era pintor, executando trabalhos sobre vidro, para o que se estabeleceu



numa miserável cabana. Lembrou-se, certo dia, de fazer esmalte. E, então, começaram as contrariedades.»

O pai de Carlos interrompeu a narração e, pouco depois, o pequeno perguntava:

— E o que aconteceu?

— Como te disse, Bernardo era muito pobre. Vivia em França e, não podendo ir à Itália, estudar com Luca della Robbia, resignou-se a procurar, com os seus próprios recursos, obter o que desejava.

«Assim fez. Começou a comprar vasos de terra, que partia e caldeava num forno, por ele construído. Perdeu muito tempo, gastou muitos vasos e lenha. Dispendeu muito trabalho. A mulher e os filhos choravam, ao ver que os esforços de Palissy resultavam inúteis. Os vizinhos, êses, então, pondo um dedo na testa, alcunhavam-no de louco...»

— E depois?

— Persistiu na sua teima. O forno abateu. Fez outro. Continuou a queimar lenha, a gastar vasos de terra... E nada. A miséria cada vez era maior.

«Palissy não se rende. Leva os vasos a uma fábrica muito distante. Constrói, perto de casa, um forno para vidro. Acumula a lenha e acende o fogo, dia e noite, mas o esmalte não surgia. A mulher levava os alimentos a Palissy que, como louco, não arredava pé do forno.»

«Pálido, magro, com a barba crescida, o homem passou ali seis dias e seis noites, com os olhos fitos nas chamas.»

«Já não tinha recursos. Pedia emprestados vasos e lenha. Mas a fogueira apagava-se, sem resultado algum. Faltava-lhe lenha. Tornou a acender o fogo com as ramadas secas do quintal. E o destino parecia trocar de Palissy.»

«Quando já nada mais havia a queimar, agarrou na po-



# Um pequeno detective



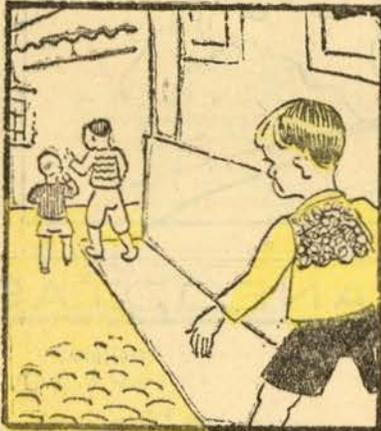
I Zé Ladino, petiz de oito anos, tem a mania de que é um grande detective.



II Um dia, ao passar por dois petizes que estavam tagarelando, ouve uma conversa que o põe de ouvido à escuta.



III Um dos pequenos dizia para o outro: — «O meu pai tem, em casa, acções muito más...» O outro dizia: — «Pois o meu faz muitas notas...»



IV — Zézinho, segue-os e vê-os entrar num prédio em que ambos moravam: — um no 1.º andar, outro no rés-do-chão.



V — Vai, imediatamente, comunicar o que ouviu à policia.



VI — que fica surpreendida, ao saber que as más acções eram as de um banco que abria falência e as tais notas eram notas de música.

bre mobília e meteu-a no forno para que a chama não acabasse. Ao ver o lume fraquejar, arrancou os soalhos, enquanto a pobre mulher e os filhos fugiam de casa, com medo de Bernardo, que julgavam doído.

«Mas... milagre de Deus! Quando, cheio de dívidas, caído no ridículo, magríssimo e cheio de febre, Bernardo Palissy viu desaparecer a última baforada de calor, os vasos de barro derretido estavam transformados em esmalte.

«Veio, então, a hora de glória. Mas, como viste, Carlos, foi necessário um trabalho muito persistente e não desistir à primeira contrariedade.

«Perde o costume de ser impaciente, meu filho. Se não fôsem a paciência e a persistência, nada se conseguia neste mundo.»

Carlos seguiu o belo exemplo e voltou a trabalhar na sua construção. Com um pouco de paciência, conseguiu acabá-la, lembrando-se das palavras do pai, que lhe fizera ver a extraordinária tenacidade do grande Bernardo Palissy.



# O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

## ABELHINHAS:

Mais três grandes pândegos para a nossa galeria!

E desta vez são, nada mais, nada menos, uns apaixonados devotos de Santo Humberto!

Naturalmente andam a bater o mato na mira de encontrar belos coelhos e perdizes! Mas, enquanto os nossos homens se dispõem a farta caçada, vamos nós tratar, quanto antes, de passá-los para um bocado de linho branco e com eles compôr uma interessante capa de livro!

Deve este quadro ser colocado na parte superior da capa e o título e nome do autor na parte inferior. A descrição da maneira como se fazem estas capas, já tenho publicado várias vezes.

Quanto à execução do desenho, pode ser de duas maneiras. Ou bordando com linha preta todo o contôrno com ponto pé de flôr miudinho, ou desenhando esse contôrno com uma pena molhada em tinta de china. Este último processo, que parece mais fácil, é, no entanto, mais difícil, porque requiere mão firme e perfeição. Por isso aconselho-vos, de preferência o primeiro.

Vossa

ABELHA MESTRA



## CONCURSO

80

# GRANDES DE PORTUGAL



Grande herói. Em terra indiana,  
Fez tais coisas, a lutar,  
Que todos, quantos as viram,  
Tiveram pasmo sem par.

Um dia, estando em Cochim,  
Terrivelmente cercado,  
— Mais de cinqüenta mil homens  
— (E apenas tendo a seu lado

Uns setenta e sete lusos  
E mil Naires) — tanto ardor  
E valentia empregou  
Que, em pouco, foi vencedor,

Fez fugir os inimigos,  
Cheios de medo e surpresa.  
São sempre assim os nascidos  
Sôbre a terra portuguesa.

Sua vida foi pasmosa,  
Seus feitos fizeram éco,  
Pois a Glória sempre andou —  
Junto de

## ANEDOTAS

Coltigadas

por N. T. P. P

Num Café

— Meu amigo, tenha o máximo cuidado com os sustos. São coisas que fazem muito mal.

— E olhe que são, são! Podem ser fatais.

— Fatalíssimos! Olhe, uma vez, com um susto que apanhei, eriçaram-se-me os cabelos de tal maneira que me fizeram cair o chapéu da cabeça.

— Já a mim me sucedeu coisa pior, — Sério?!

— Sem dúvida. Imagine que, devido a um enorme susto, me subiu a cabeça acima do cabelo.

— Não me diga isso!...

— É verdade! Foi assim que fiquei completamente careca!!!!...

\* \* \*

Lutavam dois homens no meio da rua, num furioso combate de corpo-a-corpo. Intervém um transeunte que, ao cabo de muito tempo e após muitos esforços, os consegue separar.

— Foi o que valeu a este desgraçado (volveu-lhe um dêles, com ar iracundo). senão... enganava-me.

# Hora de Recreio

Número 21  
2.º CAMPIONATO

## Secção Charadística

30 SETEMBRO  
1 9 3 7

### DECIFRAÇÕES do N.º 13

1 — Lobrigo-Iogo; 2 — Ovelha-olha; 3 — Sina-Anis; 4 — Sapato; 5 — Opalino, polido, alamo, ido, nó, a.

#### PRODUTORES

##### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 5 — Adriano Reis — 19 votos  
N.º 1 — A. Seravat — 13 votos

N.º 2, de «Alfredo Matos», 7 votos; n.º 3, de «Ariévilos» 6; n.º 4, 1.

#### DECIFRADORES

##### QUADRO DE HONRA

Artur de Melo Cabral, Rás Pardal, José Antunes Batista, Allema, Carlos F. Cotter Moreira, Crisante Taborda, Vir Bonus, Necas L. Mano, São João, São José, Santo António, D. Bibas, António Freire, A. Matoso, Tivorc, Rato Mickey, Amaral, Alfredo Matos Boavida, Manecas & Tonecas, Pipocas, Armandino, Carlos Figueiredo, Jorge A. Pereira, Mário F. B. Ripado, Adriano Reis, Rabeta, Nélio Arita, Tomigas, Lula, Rex, Armando Jorge, Sob-Chávena, Américo B. Fernandes, Homem-Sombra, Veloce, Far, Al Damei, Maria Alice Botelho Moniz, Maridália, Tino, Armando Garcia Félix, António Pequeno, Tacos, Jack Homes e Renato R. Paulo

(Totalistas)

##### QUADRO DE MÉRITO

Zé, 4.

Delca, 2; J. Guelhas, 1.

### DECIFRAÇÕES do N.º 14

1 — Ardemente; 2 — Capela; 3 — Calendas; 4 — Esquadrinhadura; 5 — Finório; 6 — A ferro e fogo; 7 — Cão que ladra não morde; 8 — Atilar-alar; 9 — Palmira-palra; 10 — Pereira-pera; 11 — Malogro-magro; 12 — Bragança-brança; 13 — Egua-auge; 14 — Herculano; 15 — Borboleta; 16 — América; 17 — Alcane-na; 18 — Tomar.

#### PRODUTORES

##### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 13 — Emidio Matias Pinto — 6 votos  
N.º 6 — Adriano Reis — 5 votos

N.º 3, n.º 8 e n.º 14, respectivamente de Crisante Taborda, «Bébé» e «Bel & Zeca», 4 votos cada; n.º 1, n.º 7 e n.º 10, respectivamente de António Freire, Renato R. Paulo e «Dr. Bigodes», 3; n.º 4 e n.º 9, 2; n.º 2, 5, 11, 12, 17 e 18, 1.

### DECIFRADORE S QUADRO DE HONRA

Necas L. Mano, Adriano Reis, Rato Mickey, Tivorc, Alfredo Matos Boavida, Maridália, António Freire, Tomigas e Sob-chávena.  
(Totalistas)

### QUADRO DE MÉRITO

Pipocas, Carlos Figueiredo, Armandino, Mário F. B. Ripado, Armando Jorge e Carlos V. Sousa, 17; Far, A. Matoso, Tacos, Al Damei, Carlos F. Cotter Moreira, Jorge Pereira e Pacatinha, 16; Emidio Matias Pinto, Crisante Taborda, Renato R. Paulo, Américo B. Fernandes e Zé Fernando, 15; Armando Garcia Félix, Homem-sombra, António Pequeno, Manecas & Tonecas, Nélio Arita, Tom Mix, José Antunes Baptista, Pirolito, Maria Alice Botelho Moniz e D. Bibas, 14; Jack Homes, Artur Melo Cabral e Rex, 13; Delca e Tino, 12.

Maria Alice da Silva Valadares, 6.

### DECIFRAÇÕES do N.º 15

1 — Vida; 2 — Rolíça-roça; 3 — Amor-Roma; 4 — Sobrecelestre; 5 — Quem espera desespera.

#### PRODUTORES

##### QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 5 — Tomigas — 14 votos.  
N.º 2 — Far — 8 votos

N.º 3, de «Lilicas» e n.º 4, de Fernando R. Cunha, 7 votos cada; n.º 1, 4.

#### DECIFRADORES

##### QUADRO DE HONRA

Pipocas, António Freire, Adriano Reis, Rato Mickey, Tivorc, Carlos Figueiredo, Necas L. Mano, Armandino, Armando Garcia Felix, Tomigas, Maridália, Artur de Melo Cabral, Zé Fernando, Tacos, Far, Vir Bonus e Sob-chávena.  
(Totalistas)

### QUADRO DE MÉRITO

Renato R. Paulo, Carlos F. Cotter Moreira, Rex, Zé, Homem-sombra, Al Damei, Nélio Arita, Américo B. Fernandes, Alfredo Matos Boavida e Manecas & Tonecas, 4; Jack Homes, Delca, José Antunes Baptista, Armando Jorge, Maria Alice Botelho Moniz, Mário F. B. Ripado, Tino, A. Matoso, Pirolito, D. Bibas, Jorge Pereira, Emidio Matias Pinto e Crisante Taborda, 3.

Bonina, 2.

Por não se fazerem acompanhar da votação, obrigatória para os decifradores de 50% e mais dos trabalhos publicados em cada número, não incluímos as listas dos seguintes concorrentes:

Rico Ema (n.ºs 13, 14 e 15), Leão Negro (13 e 14), El Charlot (13 e 14), Lula (14 e 15), José Quirino Rebelo (13), M.º X (13), Oliveiraribeiro (14), Eonina (14), Pacatinha (15), Dionísio Matias (15) e Rei dos Macacos (15).

## PALAVRAS CRUZADAS

### DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	a	r	a		f	i	r		i	s	r
2	v		i	n	a		l	a	r		ú
3	r	t		e	m	p	a	r		m	r
4		o	s		a	i	s		f	a	
5	c	a	i	s		a	r	a		l	o
6	a		p	e	r		r	i	x		c
7	o	m	v	i		m	p	e	r	a	o
8		m	a		m	a	s		s	o	
9	p	a		f	o	p	a	r		l	a
10	r		a	p		c	a		r		p
11	i	n	a		a	r	o		a	b	a

Nota — O n.º 7 das verticais devia ler-se: Filas; consoante; utensílio de pano.

#### DECIFRADORES

Necas L. Mano, António Pequeno, Adriano Reis, Rato Mickey, Tivorc, Alfredo Matos Boavida, Maridália, António Freire, Pacatinha, Carlos Figueiredo, Armandino, Armando Jorge, Lula, Oliveiraribeiro, Far, A. Matoso, Tacos, Leão Negro, Delca, Renato R. Paulo, Américo B. Fernandes, Crisante Taborda, Armando Garcia Felix, Manecas & Tonecas, Nélio Arita, José Antunes Baptista, Rico Ema, Jack Homes, El Charlot, Tino, Zé e Maria Alice da Silva Valadares.

## CHARADAS

### NOVISSIMA

1 — Não é custoso ao «homem» ajudar outro «homem». — 2-2.

Artur Melo Cabral

### ELÉCTRICA

2 — Depois de se mortificar tornou-se a apoquentar. — 2.

Armando Jorge

### COMBINADAS

3 — 1+ul=nome de homem  
1+da=serra de Portugal  
1+cão=«cór»

Conceito: Estadista português.

Barbudo

# A VIDA ATRIBULADA da JOAQUINA BISPO

## O ROSBIFE

POR  
ISOLDINA

A Joaquina já saíra da sua aldeia há muito tempo e não havia forma de compreender o que lhe ensinavam. Fazia disparate sobre disparate.

— Alguma vez ela havia de entrar nos eixos, era a opinião de todos os da casa, que se dispunham a civilizá-la pacientemente.

Se a deixassem entregue à sua estupidez teria de voltar à primitiva forma, e isso queriam evitar os seus bondosos patrões.

Mandavam-na fazer alguns recados simples e trabalhos só compatíveis com o seu bestunto. Um dia foi ela ao talho do mercado comprar carne de rosbife.

Todos os talhos tinham muita gente e a Joaquina, depois de andar de um lado para o outro, sem se decidir por nenhum, lá resolveu entrar naquele que lhe pareceu menos afreguesado. Mas passavam-lhe todos à frente, empurrando-a. E ela esperava, pacientemente, que lhe chegasse à sua vez, quando ouve uma algazarra de disputa que lhe fez aguçar a curiosidade. Era uma criada a barafustar com o empregado do talho:

— «Ora esta! Então, é isto o que você me dá para bifés? Eu não quero carne tão réles; mas que réles bife! Ora esta!»

A Joaquina, vendo que a questão se azedava e ameaçava ser eterna, teve uma idéa genial: — encher-se de coragem e avançar. E assim acabava com

aquela espera que nunca mais tinha fim. E lá em casa que esperavam a carne para os bifés do almoço!...

Então, avançou, indiferente ao passo da clientela e às imprecações que provocavam os seus encontros. Abriu

Escusado será dizer que, logo, as suas primeiras palavras, todos começaram a rir. Mas o final, então, foi de rir a estalar, e a pobre palonsa foi corrida à gargalhada.

Ao chegar a casa, ia tão enfiada que



caminho, até chegar ao balcão, e gritou:

— «Para que fazendes tão grande *cramunha*? E' mesmo isso que a minha senhora me mandou busca: um relesbife. E, largando o dinheiro sobre o balcão, dispunha-se a sair com a carne, quando, dois passos andado, volta atrás com uma grande aflição estampada na cara pacóvia:

— «Ai *Jasus!*... *Acudide-me*, que lá me esquecia. Dê-me cá dinheiro, *home*, para ir comprar uma caixa de *forfos* para *esfossar* os dentes.»

a patrão viu que alguma coisa lhe havia sucedido de anormal.

— «Olhe, senhora — (explicou ela) — *fartaram-se* de rir à custa ia senhora.

Mas, na verdade, sempre custa a a entender; enquanto umas gostam do que é bom e fazem berreiro por isso, outras gostam do que é réles...

Sempre é bem certo que é por isso que o mundo se *num* tomba.

E... nem tive *coraje* já para receber do *home* o dinheiro prós *forfos*...»

## A RESPOSTA DO ANTONINHO (Continuado da página 3)

porque, como vulgarmente se diz, «pode pegar-se», se vivermos, diariamente, com a pessoa atacada pelo terrível mal, sem que usemos das precauções devidas. Outro tanto sucede com a varíola, a que os meus meninos costumam dar o nome de *bexigas*, a difteria, o sarampo e tantas outras.

«Compreenderam todos, não é verdade?»

A resposta foi afirmativa.

Satisfeita, a professora querendo reconhecer o aproveitamento das suas explicações, dirige-se ao Antoninho:

— «Vamos, António, dê-me um exemplo de doença contagiosa, para eu ficar ciente de que me compreendeu.»

António Manuel que, como sempre, não tinha ligado a mais pequenina importância às palavras da professora, ergue-se, com um arzinho, muito impertinente, de grande senhor, e responde sem hesitar, na convicção de que ia dizer pedacinhos de ouro:

— «Uma perna partida, senhora professora.»

Escusado será dizer-vos que a gargalhada foi geral.